

ENTREVISTA | ALEXANDRE MEDEIROS

JORNALISTA E ESCRITOR

‘Há uma cidade nas minhas lembranças, e há uma cidade diante de mim’

Quem é a musa da crônica – a cidade ou a nostalgia?

Alexandre Medeiros — É a cidade com todas as vivências que ela proporciona. Algumas, por certo, nostálgicas. Para quem já viveu mais de 60 anos, como eu, e sempre morando na mesma cidade, as alegrias e as tristezas se renovam, e deixam suas marcas nas ruas. No caso de quem tem mais idade, as perdas se acumulam e deixam vestígios na alma. Eu frequentava algumas casas que se foram, como o restaurante Cedro do Líbano, na Rua Senhor dos Passos, a Casa Cruz, ali no Largo de São Francisco. Adorava vagar sem pressa pelas vitrines de instrumentos da Guitarra de Prata, na Rua da Carioca. Há uma cidade nas minhas lembranças, e há uma cidade diante de mim. As duas se encontram nas crônicas.

Sua experiência como repórter o fez descobrir a cidade por inteiro ou veio de sua própria criação?

No início da minha carreira de repórter, cobria basicamente Cidade e Polícia. E, claro, essas andanças pela cidade com as mais diversas pautas me apresentaram várias partes do Rio de Janeiro que eu não conhecia até então. Do extinto matadouro de Santa Cruz à belíssima estação ferroviária de Marechal Hermes, do cemitério de Ricardo de Albuquerque às calçadas caídas da Vila Militar. Da “fronteira” de Vigário Geral com a Favela do Lixão às coberturas da Vieira Souto e da Atlântica. Mais do que lugares, essas andanças me permitiram conhecer muitas pessoas. Algumas viraram personagens de crônicas.

Você precisou fazer pesquisa para algumas histórias, como o relato sobre o primeiro jogo do Brasil na Copa de 1970, que traz detalhes da partida?

Na Copa de 1970, eu tinha de nove para dez anos. Lembro muito desse episódio da TV a cores, ficou gravado na memória mesmo, e demorei mais de 50 anos para escrever. Recorri a pesquisas para buscar clarear detalhes do jogo de estreia do Brasil naquela Copa, que começou tenso e acabou numa alegria imensa. Espero que a crônica consiga passar essa alegria. Um amigo querido, da minha geração, disse que ficou emocionado com a leitura, que revisitou em sua memória aquele mesmo jogo. Isso para mim é muito gratificante.



Divulgação

OLGA DE MELLO Especial para o Correio da Manhã

Se em “Ai de ti, Copacabana” Rubem Braga alinhava profecias de castigos bíblicos à superficialidade e ao hedonismo de um estilo de vida carioca que se consagrava no início da década de 1960, “Ai de nós, Copacabana” (Mórula, R\$ 70), de Alexandre Medeiros celebra em crônicas escritas ao longo de vinte anos a cidade que hoje não tem em seu mais famoso bairro a elegia da ostentação da futilidade. A escolha do título é proposital. Além de referir-se ao mais celebrado cronista do país e a seu mais antológico texto, ele reflete “uma cidade em mutação, inundada por um mar de memórias e contradições”, explica Alexandre Medeiros, jornalista, 65 anos, ex-morador de Copacabana, “um retrato dessa cidade que se transforma dia a dia”. Este oitavo livro intensamente carioca de um autor focado profissionalmente na realidade, não faz concessão a ficções: “Meu primeiro livro foi de poesias, tenho alguns contos escritos, outros em produção, mas minhas crônicas são relatos de vivências, cenas que presenciei e passei ao papel”, conta Alexandre em conversa com o Correio da Manhã, quando fala sobre o gênero que celebra, para ele, o mais elevado dos temas: o cotidiano, que promove o encontro, “num bom botequim”, da política, da economia, do comportamento.

Você demonstra intenso conhecimento da vida da cidade, incluindo as diferenças locais de bairros distantes, nas zonas Sul e Norte. Em quais você morou?

Nasci na antiga Casa de Saúde Santa Maria, na Rua das Laranjeiras, pouco antes do Mercado São José. E fui criado naquele corredor Laranjeiras-Flamengo-Catete-Glória. O Aterro era o meu quintal. Mas a cidade me deu muito mais. O meu Rio de Janeiro é um continente que começa na Baixada Fluminense, passa pelos trilhos da Central, circula pelos subúrbios e pela Zona Norte, chega ao Centro e à Zona Sul. Sempre morei na Zona Sul, Laranjeiras, Catete, Botafogo, Humaitá, Copacabana. Mas estudei na Tijuca, soltei pipa e dei aulas na Mangueira, me apaixonei por Oswaldo Cruz e Madureira, namorei em Nilópolis, passei tantos Natais em São João de Meriti, onde vive parte de minha família. E que veio do Ceará, de Pernambuco e de Alagoas, que eu aqui reencontrei nas tranças de São Cristóvão e da Rocinha. A cidade-continente que é musa dos meus escritos.

“Mais do que lugares, essas andanças me permitiram conhecer muitas pessoas. Algumas viraram personagens de crônicas”